

# 7 Cigarros

Lucas Esteves

Nota sobre a história.....	5
Prólogo.....	8
1º Cigarro.....	10
2º Cigarro.....	18
3º Cigarro.....	24
4º Cigarro.....	33
5 e 6º Cigarros.....	49
7º Cigarro.....	60
Pós Cigarros.....	68

Dedico este livro a meu grande amigo, Cebaldo.

## **NOTA SOBRE A HISTÓRIA**

Lembro-me uma história sobre sete suspeitos de cometerem um assassinato, outra sobre setes

psicopatas que perturbavam a cabeça de um roteirista, que por sua vez, não estava muito longe dessa psicopatia, e ainda mais uma sobre sete vidas que foram despedaçadas por um sujeito que decidiu se redimir ajudando outras sete. Todas deram ótimos filmes. Embora ciente de que o mesmo não aconteça com esta - tanto pela sua qualidade, quanto pelo seu conteúdo, que outrora fora símbolo de charme para hoje ser considerado algo menos digno de ser narrado do que assassinos e psicopatas - ousou contar para vocês a história de, não mais, nem menos, que 7 Cigarros. Há os que agora irão pensar: “Mas eles – os cigarros – também são assassinos”. Sim. Não nego. Mas são impessoais. É bem verdade que também não explico.

Assim, insisto em trabalhar nos últimos detalhes desta história em uma tarde fria de domingo, gelando meus dedos em um teclado vagabundo de trinta e cinco reais.

As dificuldades são óbvias. Se por um lado, é perigoso cair em uma apologia, o que será com certeza apreciada por poucas pessoas; por outro

lado o risco de cair em um moralismo - daquelas pessoas hipócritas que tendem a criticar o hábito de fumar enquanto cultivam vários outros vícios que são muito mais sutis, porém maléficos ao corpo e a pouca inteligência que possuem – bem, esse risco é bem grande.

Tentarei não fazer nem uma coisa nem a outra, mas nesse caso corro o risco de fazer as duas coisas ao mesmo tempo; pois ao invés das forças se anularem, uma terceira perspectiva do assunto poderia nascer. O que seria confusa para o leitor, para mim e para nosso rapaz que vocês terão o prazer ou desprazer de conhecer em seguida, caso algum tipo de preconceito, algum telefone tocando ou a ideia de algo melhor pra fazer não os impeçam de continuar a leitura.

## PRÓLOGO

Qualquer um sabe que um cigarro dura em média 15 tragadas e fazendo também uma média, podemos estipular 6 minutos para que um cigarro seja tragado por completo. Ao que um sábio matemático poderia fazer um cálculo entre o número de tragadas e o tempo da queima, obtendo o valor de alguma outra coisa. Mas isto seria - além de inútil - demais para minha mente que é mais apegada às palavras do que aos números.

Claro que há tantas maneiras de fumar e tantas variações de teores dos cigarros, de modo que a média fica longe do que acontece em realidade. Há os que fumam rapidamente e os que fumam mais devagar; entre os que fumam rápido, poderíamos dividi-los ainda entre os que preferem tragadas pequenas e quase ininterruptas e os que preferem tragadas longas e um pouco mais pausadas, claro que não tão pausadas quanto aqueles que fumam devagar. Estes geralmente fumam apreciando mais o sabor do produto, em tragadas médias ou

longas. Podemos ainda identificar aqueles que não trazem, mas destes não vale a pena comentar. E por último, mas não menos importante, há um tipo peculiar de fumante; aquele que fuma sem segurar o cigarro; geralmente pedreiros ou outro tipo de trabalhadores braçais no exercício de suas funções.

## **1º CIGARRO**

Eram sete horas de um sábado perdido em um calendário de uma geladeira velha quando ele acordou. Rapaz responsável acordando às sete horas da manhã para estudar ou trabalhar? Não. Eram sete da noite. Esfregou seus olhos e deu uma olhada para se situar onde estava. Reconheceu seu quarto. “Nada mal” pensou. Pois apesar da bagunça e pobreza do aposento, poderia ser pior, de fato, muitas vezes acordara em lugares piores. Além do mais, o apartamento ficava no centro da cidade, uma boa localização por um bom preço, de que importaria a bagunça? De que importaria o cheiro de mofo, as baratas surgindo dos cantos mais inusitados e

a porta da frente com indícios de uma tentativa de arrombamento? De que importaria ainda se no prédio rolasse boatos de que o último inquilino se matara com um tiro na cabeça na sala de estar e no quarto. Não, não tinha se suicidado duas vezes, apenas não havia um ou outro cômodo para que ele pudesse escolher onde cometer o suicídio. Bem, foi uma escolha a menos que ele teve de fazer. De qualquer forma, ainda se via no carpete uma escura mancha de sangue. Talvez algumas pessoas se importariam de – além disso tudo - morar em um lugar sem sofá e sem televisão, mas não ele.

Sua cabeça doía, sua garganta também e junto com a dor sentia um forte gosto de cigarros misturado com cerveja, que foi misturada com vodca, tequila....enfim, esta não é uma história de bebidas, se bem que poderia ser. Alheio a estes pensamentos que somente uma mente fora da história poderia conceber, ele procurou seu celular, não tanto para ver a hora - pela luminosidade opaca que atravessava sua cortina, percebia que a tarde estava caindo - mas para ver o dia. Achou-o no bolso sua velha



calça jeans. “É sábado, ontem teve aquela festa... merda.” E foi exatamente isso que ele pensou.

Mais desperto ele deu uma olhada ao redor, os livros estavam todos no lugar, em uma estante velha de madeira, infestada de cupins, localizada ao lado da janela; no chão, além das roupas que provavelmente usara na noite anterior, ele viu maço de cigarros. “Aí estão vocês, meus queridos.” Juntou o maço de cigarros de filtro vermelho e contou-os como um judeu contaria suas moedas. Sete. Sem perder tempo ele catou o isqueiro no outro bolso da calça e ainda de cueca e sem camiseta, acendeu o isqueiro, mas antes do fogo tocar a ponta do cigarro, seu braço se deteve ele sentou na cama. Lembrou-se de um sonho estranho que acabara de ter.

“Era criança e tinha roubado um punhado de amoras de um pé que ficava no pátio do vizinho. Tendo feito isso se escondera de todos atrás da casinha do seu cachorro. Se por um lado se escondera do vizinho, que poderia ter ouvido algum barulho no pátio e vindo atrás dele com

sua espingarda de caça, também se escondera de seus pais, quem embora não tivessem armas, adoravam sermões sobre a virtude dos homens e os seus pecados, e estes sermões eram tão temidos quanto àquela espingarda. Se preparou para devorar aquelas amoras, deveriam ser gostosas. Nada que tivesse aquela cor e aquele nome, poderia ter um gosto ruim, mas quando ia levar a primeira à boca, ouviu passos. Quem seria? Acordou.’’

Este episódio no sonho o lembrou de algo da sua infância. O cenário era o mesmo, mas na verdade nunca teve a coragem de roubar aquelas amoras, apenas ficara olhando para elas, imaginando qual sabor que teriam.

Como se tivesse acordado novamente do mesmo sonho, acendeu seu primeiro cigarro, que ainda desceu rasgando em sua garganta. Se levantou e caminhou em direção à janela. Afastou as cortinas para o lado e abriu - a para tomar um vento e espalhar a densa fumaça que um cigarro de filtro vermelho produz. Neste instante, uma velha do apartamento vizinho passava algumas roupas em frente a uma janela

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

